

Bezerra está por um fio

ARQUIVO

É tamanho o descontentamento do Palácio do Planalto e do PMDB com o ministro da Integração Nacional, Fernando Bezerra (PMDB-RN), que antes mesmo de ele desembarcar em Brasília ontem à noite, com sua defesa para rebater as denúncias de desvio de verbas da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), governo e líderes aliados já discutiam sua substituição com o presidente Fernando Henrique Cardoso.

Em reunião ontem cedo entre FHC e os articuladores políticos do governo e os líderes do PMDB, senador Renan Calheiros (AL), e do PSDB, senador Sérgio Machado (CE), os nomes lembrados para o posto de Bezerra foram o do ex-presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e o do líder do PMDB, deputado Geddel Vieira Lima (BA).

Ainda de Natal (RN), onde reunia documentos para comprovar a aplicação correta dos recursos que a Sudene destinou a empresa Metasa, da qual foi sócio de

1989 a 1998, Bezerra telefonou ao ministro-chefe da Secretaria-Geral do Planalto, Aloysio Nunes Ferreira. Na conversa, garantiu ter provas documentais de que todo o dinheiro repassado à Metasa neste período foi corretamente aplicado na empresa, e com contrapartida.

Mas, numa demonstração do ceticismo do Planalto em relação à permanência de Bezerra no ministério, Fernando Henrique decidiu que Aloysio é quem deveria recebê-lo para esta primeira conversa e não ele. "O presidente não vai recebê-lo hoje por questões de agenda", desculpou-se o porta-voz da Presidência, Georges Lamazire.

Nenhum cardeal do PMDB arriscou uma só palavra em favor do ministro e menos ainda uma articulação para poupá-lo. O único que saiu em campo, defendendo Bezerra, foi o vice-presidente do PFL, senador José Agripino Maia (RN), dando pistas de que a eventual demissão do ministro atingirá mais o PFL potiguar do que o PMDB. (AE)



O MINISTRO Fernando Bezerra não foi recebido por FHC